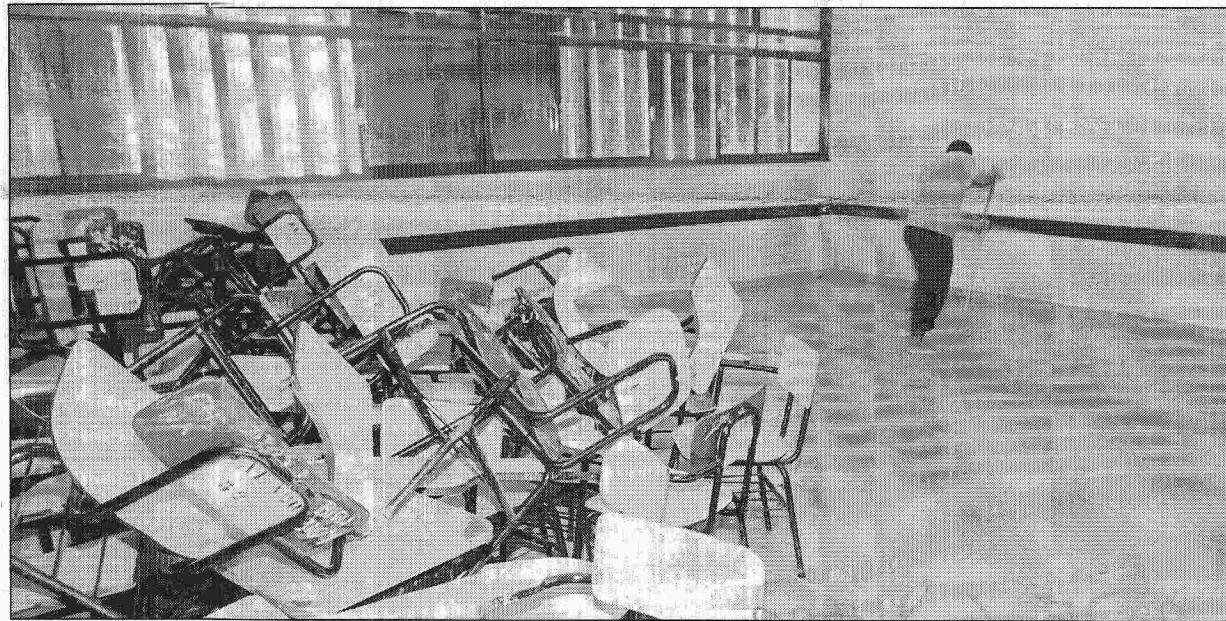


# Estudantes vão encontrar algumas escolas transformadas

**NELZA CRISTINA**

Cheirando a nova. Será assim que os cerca de 2,5 mil alunos do Ginásio Integrado do Setor Noroeste (Gisno), na 907 Norte, encontrarão a escola neste primeiro dia de aulas. Desde junho do ano passado, o Gisno vem passando por uma reforma geral, desde a instalação elétrica e hidráulica até as paredes, tendo inclusive que deslocar parte dos estudantes para outros ginásios durante boa parte do último ano letivo.

Uma das escolas mais antigas do Distrito Federal, o Gisno nunca havia passado por uma reforma. Segundo a assistente da diretoria, Kátia Lima Bastos, a escola estava muito estragada e sem condições de funcionamento. Mas o Gisno é, na verdade, apenas uma entre as 50 escolas reformadas pelo Governo do Distrito Federal — sete no Plano Piloto — e que estão sendo entregues hoje. Outras 13 escolas foram construídas e também começam a funcionar nesta quarta-feira. Uma delas, o Centro de Ensino 201, na quadra 201, Área Especial de Santa Maria, será inaugurada hoje, às 10h, pelo governador Cristovam Buarque.



**AINDA** desarrumadas, salas de aula do Elefante Branco receberam limpeza ontem para o início das aulas

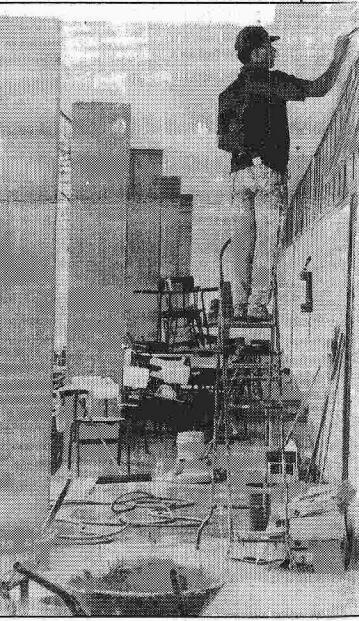
O cronograma de obras do GDF prevê, ainda, a reforma de mais 19 centros de ensino em junho e a entrega, em julho, de 29 novas escolas e outras 46 reformadas. Segundo informações da Secretaria de Cultura, as escolas beneficiadas foram definidas, basicamente, pela comunidade, por meio do Orçamento Participativo. Somente casos em que não havia mais condição de funcionamento, como era o caso

do próprio Gisno, é que a Secretaria decidiu pela reforma.

Sem a mesma sorte, outras escolas tradicionais e também antigas receberão seus alunos hoje nas mesmas condições do ano passado. Este é o caso, por exemplo, dos 4,3 mil alunos que cursam o segundo grau no Centro Educacional Elefante Branco, na 907 Sul. A escola está com as paredes pichadas e pede uma pintura urgente. Alguns

bueiros estão destampados e o gramado nos fundos da escola pede a visita de um profissional.

A aparência requer uma maquiagem, mas, segundo o diretor Francisco de Assis Rocha, não há previsão de mudanças. "Não fomos contemplados com nenhuma reforma, mas nos prometeram uma limpeza geral", afirmou. Rocha garante, no entanto, que a escola está em condições de funcionar e



**GISNO:** últimos retoques

atender bem os alunos, com as salas de aula em boas condições: "O que é preciso avaliar é o trabalho pedagógico em sala de aula. Se não tivermos o envolvimento de todos que aqui trabalham, não adianta nada uma escola brilhando de nova. O importante é ter um projeto e uma equipe que acredite nele".

Alguns alunos parecem concordar. Para a estudante do terceiro ano, Eliane Lopes de

Fotos: Felipe Barra

Oliveira, de 19 anos, a escola ainda está em condições de receber bem os alunos. "Melhorou muito do ano passado para cá. Os professores são empolgados e a direção está sempre tentando melhorar, trocando carteiras e outras coisas", conta Eliane. Segundo ela, o problema é que a escola não tem recursos para se manter: "O Elefante, que é uma escola enorme, recebe o mesmo dinheiro que vai para um colégio pequeno. Por isso, surgem alguns problemas".

Segundo o diretor do Elefante Branco, as pichações nas paredes da escola são inevitáveis. "Não são os alunos que fazem isso e, sim, gangues de grafiteiros que vêm até das satélites para pichar no Plano Piloto. É pintar em um dia e eles picharem no outro".

No Gisno, os professores querem prevenir pelo menos internamente. Segundo a assistente da diretoria, Katia Lima Bastos, está decidido que todos os professores usarão os últimos dez minutos de aulas para falar sobre cidadania com seus alunos. "Entre outras coisas, vamos ensinar a preservar a própria escola, em benefício deles próprios".